

***Cattleya* Lindl. no Brasil: regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.**

Delfina de Araujo

Fotografias: Sergio Araujo
delfinadearaujo@gmail.com

Resumo: O gênero *Cattleya* Lindl. (sentido tradicional) está distribuído por quase todos os biomas brasileiros, com mais de 30 espécies. Algumas delas apresentam variedades e muitas delas formam híbridos naturais com outras espécies dentro do mesmo gênero ou de gêneros diferentes. A maior concentração de espécies de *Cattleya* está na Mata Atlântica, principalmente nos estados da região Sudeste e na Bahia. Essa primeira parte do artigo fala das espécies das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste através dos ecossistemas onde ocorrem, com dicas sobre as condições de cultivo.

Palavras chave: *Cattleya*, Brasil, Amazônia, Cerrado, Caatinga.

Abstract: (*Cattleya* Lindl. in Brazil: North, Northeast and Mid West regions) The genus *Cattleya* Lindl. occurs in almost all Brazilian biomes, with more than 30 species. Some of the species present many varieties and many of them make natural hybrids with other *Cattleya* species or with species from related genera. The greatest concentration of *Cattleya* species is in the Atlantic Rainforest, mainly in the states of the Southeast region and in Bahia state. In this first part of the article, the species that occur in the North, Northeast and Mid West regions are described by the ecosystems where they grow and with cultural tips.

Key words: *Cattleya*, North Brazil, Northeast Brazil, Mid West Brazil.

Sempre que se fala em orquídea, a primeira imagem que nos vem à mente é a *Cattleya*, sobretudo a *Cattleya labiata* Lindl. Outros gêneros se tornaram muito populares, mas foi esta espécie que realmente deu popularidade às orquídeas e se tornou seu próprio símbolo.



Fig. 1 – *C. labiata*, cruzamento das variedades 'amesiana' com 'foleyana'.

Das aproximadamente 50 espécies de *Cattleya* (no sentido tradicional do gênero) que vegetam desde o México até a Argentina, mais de 30 ocorrem no Brasil, isto sem contar com o grande número de variedades existentes dentro de uma mesma espécie e o grande número de híbridos naturais entre suas próprias espécies e os outros gêneros. A diversidade é muito grande.

Ela aparece em todos os estados do Brasil, desde o



Fig. 2 – *C. violacea*.



Fig. 3 – *C. eldorado* 'Parapluie'.

extremo norte, nas serras Pacaraima e Parima, em Roraima, na divisa do Brasil com Venezuela e Guiana até o Rio Grande do Sul.

Algumas espécies têm uma distribuição ampla, mas restritas ao território brasileiro como a *C. guttata* Lindl. e outras se estendem a outros países como *C. violacea* (Kunth) Rolfe. Há aquelas que ocorrem em áreas limitadas ou até mesmo muito restritas como *C. araguaiensis* Pabst e *C. dormaniana* (Rchb.f) Rchb. f. Existem também espécies que ocorrem no Brasil, mas têm uma área de distribuição mais ampla em outros países como *C. lawrenceana* Rchb. f. que tem como centro de dispersão a Venezuela.

A grande concentração do gênero está na Mata Atlântica, nos estados da região sudeste e na Bahia que é o estado mais rico (com maior número de citações de ocorrência). Em seguida, o Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Capacidade de Hibridação

Devido a sua grande capacidade de hibridação, existem mais híbridos naturais do que espécies de *Cattleya*. Na natureza, são encontrados tanto híbridos interespecíficos (cruzamento entre espécies do mesmo gênero) quanto híbridos intergenéricos (cruzamento de espécies de gêneros diferentes). Além dos híbridos naturais intergenéricos com *Brassavola* R. Br. e *Schomburgkia* Lindl., (atualmente considerada como *Laelia* Lindl.) existem muitos híbridos decorrentes do cruzamento com espécies que eram antigamente inseridas dentro do gênero *Laelia* (mais de 20 novos híbridos), hoje considerada por diversos estudiosos e instituições como pertencentes ao gênero *Cattleya*.

Condições Geográficas

O Brasil possui uma grande diversidade habitats e de ecossistemas em decorrência de diversos fatores: sua configuração geográfica, um relevo com montanhas, planaltos, chapadas e planícies, pela presença do oceano de sua longa costa, minimizando as amplitudes térmicas (maritimidade), pela amplidão do continente acentuando as amplitudes térmicas, influenciando nas temperaturas (continentalidade), por sua extensão territorial tanto em relação à longitude e à latitude. E, finalmente, a dinâmica das massas de ar, um fator muito importante, pois atua diretamente sobre a temperatura e a frequência das chuvas permitindo as acentuadas diferenciações climáticas regionais.

Habitats

Em maior ou menor intensidade, a orquídea aparece em diversos tipos de habitats e sua presença é sempre uma constante no bioma Mata Atlântica, um dos mais ricos e mais conhecidos ecossistemas. É nela que ocorre a maior parte das espécies brasileiras da família Orchidaceae e, em especial, do gênero *Cattleya* e seu grande número de híbridos naturais.

Além da Mata Atlântica, o gênero está presente em quatro outros biomas: Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga e Pantanal, nos diversos habitats e ecossistemas encontrados em altitudes ou a nível do mar, tanto em regiões semiáridas ou florestadas, em manguezais, brejos e restingas.

Região Norte: Bioma Amazônia

A região Norte do País se confunde com o Bioma Amazônia (Floresta Amazônica) que ocupa cerca de 40% do território brasileiro. É a maior extensão de floresta quente e úmida do mundo e também possuidora da grande diversidade. Além do rio Amazonas, sua bacia hidrográfica é formada, por diversos outros rios, grandes e pequenos. Seus domínios abrangem grandes estados e outros menores: Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima (além de países vizinhos), Tocantins, Maranhão, Mato Grosso. Geograficamente, dos estados cobertos por este bioma, apenas o estado do Mato Grosso não pertence à região Norte.

A Região Norte é cortada de um extremo a outro pela linha do equador, em sua maior parte predomina o clima quente, mas a temperatura não é homogênea em toda a extensão. Nas terras baixas, nos meses mais quentes, são registradas temperaturas máximas diárias elevadas, inclusive acima de 40° C, mas não em todos os lugares. Em muitos locais, as noites são bem frescas, mesmo durante os meses considerados mais quentes. Nos meses mais frios, junho a agosto, é comum a ocorrência de queda de temperatura, conhecido como friagem. Há locais em que as mínimas chegam a 8° C. Nas regiões limítrofes, a temperatura é bem amena e, nos períodos mais frios, a noturna desce a 6° C.

Não há uma homogeneidade pluviométrica, mas é a região que mais chove no Brasil, havendo inclusive locais onde chove diariamente.

A Floresta Amazônica cobre basicamente áreas de baixas altitudes (de 0 a 200 m), com exceção das áreas limítrofes onde as altitudes são bem elevadas e de uma pequena parte coberta por vegetação de Cerrado. Apresenta diversos tipos de habitats e neles ocorrem espécies do gênero *Cattleya* bem características:

C. violacea (Kunth) Rolfe, *C. eldorado* Linden ex Van Hout (ou *C. trichopiliochila* Barb. Rodr. e *C. wallisii* Linden & Rchb. f.), *C. luteola* Lindl., *C. lawrenceana* Rchb. f., *C. araguaeensis* Pabst, *C. jenmanii* Rolfe, *C. nobilior* Rchb. f., assim como a *Cattleya motae* Menezes da qual se conhece apenas um indivíduo. Já foram registrados três híbridos: *C. x brymeriana* Rchb.f. (*C. violacea* x *C. eldorado*); *Brassocattleya x rubyi* Braga (*Brassavola martiana* Lindl. x *Cattleya eldorado*) e *C. x hummeliana* L.C. Menezes & V. P. Castro (*C. violacea* x *C. lawrenceana*). Ocorre também uma outra planta que pode se tratar de uma nova espécie ou de um híbrido natural entre *C. jenmanii* Rolfe e *C. eldorado*. (<http://www.delfinadearaujo.com/on/on26/pages/pedroivo01.htm>.)

Matas de terra firme (floresta ombrófila densa)

Correspondendo à maior área da bacia amazônica, encontram-se matas de terra firme (floresta ombrófila densa) onde as copas das árvores se fecham de tal maneira que é difícil a penetração dos raios solares. Assim os gêneros mais exigentes com relação à intensidade de luz e ventilação procuram as copas das árvores mais altas ou as bordas da floresta. Os gêneros com menor exigência de luminosidade se distribuem nas partes mais baixas. Essas matas não estão sujeitas ao alagamento constante, mas possuem um grande número de rios e riachos. Habitat de *C. violacea* e *C. luteola* onde são encontradas em árvores que podem atingir até 50m de altura.

Cattleya luteola Lindl.

A espécie tem, nestas matas, seu principal habitat, mas ocorre por toda região de terras baixas da Amazônia até 600m de altitude, sendo comum do Brasil até o Peru, ocorrendo também no Acre. Nas matas de igapó (terrenos baixos de inundação frequente), forma grandes touceiras, na parte baixa das árvores de casca fina e ocorre associada a *Oncidium lanceanum* Lindl., *Rodriguezia leeana* Rchb. f., *Trichocentrum albococcineum* Linden e *Catasetum pileatum* Rchb. f.

Cada haste carrega de 4 a 6 flores pequenas (cerca de 5 cm. de diâmetro) mas muito vistosas. Normalmente tem uma pigmentação púrpura no interior no labelo, mas já foi encontrada uma variedade onde ele é inteiramente amarelo.

Planta de pequeno porte (espécie anã), está entre as menores espécies gênero e esta característica é transmitida aos seus híbridos. Além de contribuir para a geração de plantas pequenas e de vasta folhagem, contribui também na produção de plantas muito floríferas, trazendo um aglomerado de flores amarelas.

C. luteola é bastante adaptável a diversos climas, pode ser cultivada em clima quente ou em temperatura mais amena. Gosta de umidade ambiental elevada e deve ser protegida do sol direto. É indicada (assim como seus híbridos) para quem tem pouco espaço. Floresce do verão até o inverno e quando em cultivo, na região Sudeste, em geral, apenas no inverno.



Fig. 4 – *C. luteola*.

Campinas da Amazônia Central

Principal habitat de *C. eldorado*, as campinas são matas de terra firme que se distinguem da floresta ombrófila densa por crescerem em solo pobre, arenoso, portanto de drenagem rápida, com grande variação de umidade ambiental. Podem ser mais abertas



Fig. 5 – *C. luteola*, variedade mais rara, sem o labelo colorido.

(maior luminosidade) ou mais fechadas, estão situadas no interior da floresta ombrófila, como se fossem ilhas, pois a transição entre elas é muito brusca. Estão localizadas nos arredores de Manaus e ao longo do rio Negro. A temperatura máxima absoluta é de 38° C e a mínima 18° C, a umidade relativa do ar fica entre 80 a 90% com queda de umidade, durante o dia, principalmente nos meses de agosto e outubro. Nestas campinas, encontram-se verdadeiros jardins suspensos de epífitas em árvores como o “Macucu” (*Aldina heterophylla*) que é muito ramificada, com a casca rugosa que é o principal forófito (=hospedeiro) de *C. eldorado*.

Cattleya eldorado Linden ex Van Hout (*C. wallisii* Linden & Rehb. f.)

Ocorrendo quase que exclusivamente nas campinas, principalmente as abertas, raramente esta espécie é encontrada na floresta ombrófila. Seu centro de dispersão é em torno da cidade de Manaus onde se tornou escassa e há um registro para o estado do Pará. Cresce como epífita desde os galhos baixos do macucu recebendo uma luminosidade média até os galhos mais altos, com exposição a uma luminosidade muito intensa e onde se encontram as plantas mais robustas. Suas folhas são quase sempre cobertas de líquens e algas.

Há registros de que o botânico Linden importou uma quantidade enorme e que em Paris chegaram a florir 700 exemplares de uma só vez.

Existe uma divergência em torno de sua correta nomenclatura. Alguns pesquisadores consideram *Cattleya trichopiliochila* e outros consideram que seja *Cattleya wallisii*. Para os orquidófilos, ainda prevalece o nome *Cattleya eldorado*.

Há registro de dois híbridos naturais: *C x brymeriana* (com *C. violacea*) e *Brassocattleya x rubyi* (com *Brassavola martiana*).

Indicada para cultivo em clima mais quente, é importante que a temperatura não fique abaixo dos 16° C. A principal causa de insucesso é o excesso de umidade, não suporta substrato encharcado por muitos dias, os brotos apodrecem e as folhas mais novas se dobram. Floresce de dezembro a fevereiro e às vezes até abril, época das chuvas. O novo bulbo só lança raízes depois de completado seu desenvolvimento, chegando ao tamanho final em dezembro já com a haste floral. Suas flores possuem até 15 cm de diâmetro, são perfumadas e surgem em número de 2 a 5 por haste.

Igarapés, Igapós e Várzeas

Estes ecossistemas sofrem influência aquática direta, às vezes formando rios perenes que fluem muito lentamente e possuem margens alagadiças. Em muitos locais, durante vários meses por ano, só os galhos mais altos das árvores ficam fora da água e a umidade relativa do ar é elevada de uma maneira quase constante. A luminosidade é muito variável com áreas mais sombrias e outras mais iluminadas. Nos ambientes mais sombrios, as epífitas ocorrem quase que exclusivamente nas bordas das matas. Nestes ecossistemas ocorre a *C. violacea*.

Cattleya violacea (Kunth) Rolfe

Espécie bifoliada, é a que tem distribuição mais ampla, em toda região amazônica, sendo encontrada fora das terras baixas da Amazônia até a Região Centro-Oeste. Aparece nos estados do Amazonas, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Roraima e sua distribuição se estende também ao Peru, Venezuela, Colômbia, Guiana, Suriname, Bolívia e Equador.

Ocorre em locais de grande umidade atmosférica, mas com boa circulação de ar e temperatura não muito baixa. Cresce em diferentes tipos de ecossistema, sendo também encontrada em matas de terra firme, é mais abundante nas matas de igapó, onde a variação de nível de água pode chegar a 10m, durante a cheia, mas sempre instalada acima do limite máximo do nível das águas.

Nos ambientes mais sombrios, de matas mais fechadas, procura os galhos mais altos onde possa obter mais luz e as plantas são menores. Quando ocorrem nas campinas, elas são maiores e o pseudobulbo pode atingir 40 cm de altura.

Vegeta como epífita em altitude que variam de 150 a 500m raramente indo até 600m, pois nestes locais a temperatura noturna cai abaixo de 20° C que a afeta bastante.

É uma espécie muito vistosa, sua haste floral carrega de dois a oito flores de até 10 cm de diâmetro. Possui diversas variedades. Floresce logo após a brotação, às vezes duas vezes ao ano: abril-maio e outubro-novembro.

É considerada de difícil cultivo, uma vez que gosta de umidade ambiental elevada, mas não pode ter as raízes encharcadas e não gosta de substrato úmido. Portanto se cultivada em vaso, é preciso muito cuidado. Vegeta muito bem em tocos de madeira. Precisa de clima quente, suporta local mais sombreado ou com luminosidade mais intensa e não precisa ter um inverno mais seco.

Como mencionado anteriormente, na natureza hibridiza com *C. eldorado*, formando *C. x brymeriana* e *C. lawrenceana*, formando *C. x hummeliana*.

Cerrado

Ainda na Região Norte, existem áreas onde o bioma Cerrado está presente, com suas temperaturas e vegetações características, cobrindo parte dos estados de Tocantins, Pará, Maranhão, Mato Grosso, Rondônia e Roraima. Neste ambiente, com duas estações bem definidas, a quente e a chuvosa (de outubro a abril) e uma seca de maio a outubro, ocorre a *C. araguaiensis*.



Fig. 6 – O híbrido natural *Cattleya x brymeriana*, variedade 'flamea'.

ser encontrada em locais mais sombreados. A temperatura anual sofre oscilações que vão de 42° C no verão e até 8° C no inverno.



Fig. 7 – *C. violacea* var. 'carnea'.

Cattleya araguaiensis Pabst

Ocorre numa área restrita, às margens do rio Araguaia e também de seus afluentes Formoso e Coco, em matas ciliares, em altitudes entre 400-600m acima do nível do mar, no estado Tocantins. A espécie vegeta em galhos finos de arbustos e pequenas árvores, a poucos metros do solo, quase sempre em locais bem iluminados às vezes até com exposição ao sol, ocasionalmente pode também

Planta relativamente pequena, não excedendo a 22 cm de altura, é muito diferente das outras espécies do gênero e chama atenção pelo fato de suas sépalas e pétalas serem bem mais finas quase como a *Brassavola* levando a crer, de início, que se tratava de um híbrido natural. Possui flores pequenas que não ultrapassam a 6 cm e uma por pseudobulbo. Floresce no final da primavera. Seu pico de floração ocorre entre a segunda quinzena de novembro e a primeira de dezembro e está

diretamente relacionada ao período das chuvas: chuvas intensas antecipam a floração, chuvas esparsas ou a falta dela, retardam o florescimento.

É uma das espécies menos resistentes do gênero, requerendo umidade elevada de setembro a maio quando os brotos aparecem, porém precisa de boa ventilação já que seus botões são muito sujeitos a ataques de fungo se a planta for mantida excessivamente úmida perto da floração. Parece não gostar de toco de madeira, mas é cultivada em cestinha de madeira (cachepot), não é aconselhada para regiões úmidas com temperaturas constantemente baixas.

Regiões Serranas

As regiões serranas, limítrofes, com uma altitude pouco acima de 2000 m, são cobertas de floresta e possuem temperatura baixa e umidade ambiental elevada, permitindo uma riqueza de flora da família Orchidaceae, sobretudo de micro orquídeas. Habitat da *Cattleya jenmani*, *C. lawrenceana*, *C. motae* e também até de *C. violacea*, dependendo da altitude.

Cattleya lawrenceana Rchb.f.

Ocorre nos estados do Amazonas e de Roraima, em árvores altas de matas densas de encosta extremamente úmidas, situadas desde 800 m até 1.400m de altitude, em habitat muito semelhante ao das espécies de *Cattleya* do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Sua principal área de distribuição no Brasil abrange as serras do Pacaraima e Parima, na divisa com a Venezuela, onde ela é mais comum. Suas flores aparecem no verão, em número de 3 a 6 e às vezes até mais de 10 por haste, são grandes podendo chegar até 15 cm e planta atinge 30 cm de altura. Sua cor tipo é púrpura-avermelhado intenso, mas possui variedades de cores mais suaves como concolor, semi-alba, alba, coerulea. Possui um híbrido natural, *C. x hummeliana* (*C. violacea*), já mencionado.

É considerada uma espécie fácil de ser cultivada, necessita de ambiente úmido e mais frio.

Cattleya jenmanii Rolfe

No Brasil, só aparece no estado de Roraima, onde ocorre nas mesmas serras da espécie anterior, em altitude menos elevada de 300m a 600m, segundo alguns autores, mas de acordo com F. J. de Freitas Luz e Jane M. Franco de Oliveira (2012), a altitude estaria entre 800 e 1000m. Aparece em local de luminosidade alta e bastante ventilação, em vegetação de transição entre a floresta densa e os campos, praticamente savanas, em floresta aberta, de formação rochosa e margeando rios. A espécie é mais comum na Venezuela onde foi intensamente coletada, tornando-se rara na natureza. Foi descrita em 1906, mas continuou desconhecida até ser reencontrada em 1969. Carrega de 1 a 6 flores perfumadas por haste e floresce o ano todo em seu habitat. Em cultivo, no sudeste, floresce no mês de dezembro.

Assemelha-se à *Cattleya labiata*, embora não possua sua forma.

Região Nordeste: Bioma Caatinga

A região Nordeste abrange os estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Alguns estados são quase que inteiramente cobertos pela Caatinga, outros possuem regiões do Bioma Mata Atlântica.

A região é caracterizada por um relevo de planícies e tabuleiros litorâneos, geralmente inferiores a 500m e superfícies interiores acima de 800m (Planalto ou Serra de Borborema), alcançando até mesmo 1.200m (Chapada Diamantina - BA). Esta topografia, aliada aos diferentes sistemas de circulação de ar e à irregularidade pluviométrica, torna sua caracterização climática um pouco complexa.

A irregularidade das chuvas é a principal característica climática da região. Existe o período da seca (que pode ser muito longo, durando até mesmo anos) e o período de chuvas chamado “inverno” que é muito curto. O período do “inverno” (quando ocorre) se situa entre dezembro e maio (durante cerca de 3 meses), mas não ocorre ao mesmo tempo em todos os estados da região.

Com relação à temperatura, as variações durante o ano não são representativas (cerca de 2 a 3°C) e pode-se dizer que há apenas uma estação. As temperaturas médias são elevadas, mas em parte do litoral e em áreas acima de 200m de altitude, a temperatura é mais amena. Nas áreas mais elevadas da Chapada de Diamantina e Serra da Borborema, as temperaturas médias anuais são inferiores a 20° C.

A Caatinga, também conhecida como o “sertão brasileiro”, está situada entre a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica. é o bioma característico da maior parte dos estados do Nordeste e também cobre a região nordeste de Minas Gerais. Possui um clima semiárido, muito seco e os cursos de água só existem em função das chuvas. Sua vegetação é bem característica com formações arbustivas e herbáceas de folhas pequenas espinhosas com ocupação irregular, apresentando áreas que se assemelham a floresta e outras de terra quase nua. A caatinga propriamente dita é muito pobre em orquídeas, mas nos chamados “brejos de altitude”, onde se desenvolve uma vegetação de floresta tropical chuvosa de montanha, a flora Orchidaceae encontra um habitat mais adequado. A uma distância de 50 a 150 km do litoral, em planalto de mais ou menos 400m de altitude, existem cadeias de montanhas ou montanhas isoladas de 800 a 1.000m que são verdadeiros oásis suspensos, chamados “brejos de altitude”. Durante o dia, as nuvens se elevam e ficam acima destas montanhas, já à noite, elas descem, estacionam e as envolvem completamente. Assim, a vegetação é toda banhada pela neblina e quando vem o dia e o sol, por se encontrar em região semiárida, ocorre evaporação, mantendo ainda uma certa umidade, mas sem chegar a ficar alagada. Esta alternância de umidade e seca, tão importante para as orquídeas assim como a temperatura mais amena faz com que seja um habitat bastante rico. É um clima muito ameno e agradável. É o principal habitat de *Cattleya labiata*, sobretudo a partir de 400m de altitude.

Para a Região Nordeste, são registradas as espécies: *C. aelandiae* Lindl. *C. amethystoglossa* Lindl., *C. elongata* Barb. Rodr., *C. granulosa* Lindl., *C. guttata*, *C. harrisoniana* Bateman ex Lindl., *C. kerri* Briegeri & Bicalho, *C. labiata*, *C. nobilior*, *C. labiata*, *C. loddigesii* Lindl., *C. porphyroglossa* Linden & Rchb. f., *C. schilleriana* Rchb.

f., *C. schofieldiana* Rchb. f., *C. silvana* Pabst, *C. tenuis* Campacci & Vedovello *C. tigrina* A. Rich (= *C. leopoldii*. Verscaff ex Lem.) e *C. warneri* Moore. O estado da Bahia, praticamente dividido entre a Mata Atlântica e zona semiárida, é o mais rico, como já foi dito anteriormente.



Fig. 8 – *C. aclandiae*.

Cattleya aclandiae Lindl.

Planta bifoliada da Mata Atlântica, originária da Bahia e do Espírito Santo, ocorrendo na faixa entre 100 m a 400m de altitude, com predominância pelas matas litorâneas do sul, mas aparece também mais para o interior. Vegeta sobre os galhos de árvores não muito altas entre 3 e 6 metros do chão. Planta de pequeno porte, com cerca de 20 cm de altura, de aparência desordenada, meio rastejante, de raízes grossas, apresentando 2 ou 3 folhas, muita vezes recobertas por pontos marrom-avermelhados. Adora luminosidade muita intensa chegando perto de queimar suas folhas, mas em seu habitat natural é bastante protegida pela presença das pequenas tillandsias (bromélia).

Seu colorido varia desde o verde-oliva até o marrom escuro, pétalas e sépalas intensamente salpicadas de pintas castanho-escuras. O labelo é róseo-avermelhado e não envolve totalmente a coluna, deixando-a exposta. A coluna é quase sempre de cor escura.

Floresce, em geral, de outubro a maio, a partir de uma brotação lançada no final do inverno ou princípio da primavera, ocasionalmente sua floração pode ocorrer duas vezes ao ano. Produz, em geral, 1 ou 2 flores na mesma haste de mais ou menos 10 cm de diâmetro.

Às vezes, ocorre associada à *C. amethystoglossa* (na mesma árvore) permitindo a ocorrência do híbrido natural *C. x little leopard* reg. Irwine jr, encontrado no estado da Bahia.

Na hibridação, destaca-se pela contribuição na produção de plantas pequenas e, geralmente, de flores pintalgadas. Seu hábito de crescimento é tão dominante que, mesmo quando cruzada com espécies de grande porte como *C. guttata* ou *C. amethystoglossa*, produz plantas de menor porte.

Recomenda-se não cultivar em vaso. Cresce melhor quando fixadas a placas pequenas, palito ou galho de árvore seccionado, sempre de diâmetro reduzido e colocado em cachepots (cestas) de madeira, sem substrato. Não suporta locais muito úmidos e



Fig. 9 – *C. elongata* 'Florália'.

sombrios, precisa de luminosidade realmente muito intensa. Coloque-a o mais alto possível. Gosta de ambiente bem arejado e mais quente, necessitando uma rega bem generosa no seu período de crescimento. No inverno, deixa-a mais sossegada, diminuindo a rega.

Cattleya elongata Barb. Rodr.

Ocorre na Bahia, norte de Minas Gerais e sul de Pernambuco, em cerrados semiáridos de altitude onde o clima é seco, quase sem umidade ambiental e a temperatura chega a 40° C, com noites mais frescas. De porte elevado, chegando 80 cm de altura, vegeta sobre rochas, bastante exposta ao sol, mas suas raízes são mantidas úmidas alojadas nas frestas das pedras onde se acumula matéria orgânica.

Suas flores tem boa substância, são carnudas, brilhantes e rígidas e chegam a 8 cm de diâmetro em número de 6 a 8 flores. Possui um colorido marrom-vinoso ou verde-amarronzado em tons bens escuros, com bordas onduladas. Seu labelo é de coloração vinosa ou rosa com um pouco de branco na base e ocasionalmente amarelo na parte central. Ele é trilobado

envolvendo totalmente coluna que é, via de regra, avermelhada. Floresce no final do verão. Não apresenta muita variedade. Tem uma característica interessante que é a de desenvolver pseudobulbos a partir de seus ramicaules (conhecidos como pseudobulbos tipo cana), assim como a *C. tenuis*.

Possui alguns híbridos naturais, todos descritos para o estado da Bahia, como *C. x tenuata* V.P. Castro & Campacci ex G.J. Braem ao hibridizar com *Cattleya tenuis*. É uma espécie considerada como de fácil cultivo, adaptando-se bem a substrato com bastante pedra brita, gosta de bastante luz e floresce em climas mais quentes ou mais frios, sem umidade excessiva.

Cattleya granulosa Lindl.

Foi descrita como sendo da Guatemala, por algum erro de informação de localização. É encontrada em área de Mata Atlântica, em locais de muita luminosidade. Cresce desde o nível do mar, na vegetação costeira de restinga, quanto a 900m de altitude. São famosas as plantas das dunas de Natal, no Rio Grande do Norte. Há registro de ocorrência também para os estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Piauí.

De porte médio para grande, pode ultrapassar 60m de altura. Produz inflorescência de 5 a 9 flores que variam de 8 a 10 cm de diâmetro. Elas carnudas, possuindo pétalas e sépalas com

colorido que vai desde o verde-amarelado até o marrom chocolate, mas sempre salpicado de pequenas pintas castanho-avermelhadas e lança um perfume adocicado de baunilha. O labelo é trilobado com superfície rugosa e amarelo-avermelhado na porção distal, coberto por estrias vermelhas e manchas vermelho-vinosas. Seu período de floração é variável, mais frequentemente na primavera.

Em função da *Cattleya schofieldiana* ter sido considerada uma variedade da espécie, supõe-se que tenham sido feitos cruzamentos das duas, fazendo com que características importantes na separação das destas espécies tenham se perdido, dificultando a correta identificação de uma planta obtida em laboratório.

Existem registros de híbridos naturais como *C. x le czar* Lindl. (com *C. labiata*), *C. x colnagiana* L. C. Menezes (com *C. harrisoniana*) e *Brassocattleya x felisminiana* (*Brassavola tuberculata*).

Cattleya kerri Briegeri & Bicalho

Espécie da Mata Atlântica foi descrita em 1967, dada como desaparecida e redescoberta em 1982. Só ocorre no sudeste do estado da Bahia, em região litorânea, em florestas claras e úmidas de solo arenoso ou alagado, em local de muita chuva, onde as árvores finas e altas permitem a entrada de bastante luminosidade. O clima é quente e úmido durante o dia, esfriando e formando uma nuvem de orvalho durante a noite. Ela se instala, em geral, nos troncos das árvores e seu porte médio está em torno de 15 cm mas pode atingir até 20 cm. Seus pseudobulbos às vezes se arqueiam dando a impressão de crescer para baixo. Apresenta de 1 a 3 flores.



Fig. 10 – *C. granulosa*.

Possui uma variedade punctata e um híbrido natural descrito *Cattleya x varelae* V.P. Castro & Catharino (com *C. schofieldiana*)

Deve ser cultivada em substrato duro ou em galhos de árvore. Deve ser mantida em local bem iluminado, bem ventilado, com umidade ambiental elevada, principalmente durante a noite.

Cattleya labiata Lindl.

Espécie monofoliada, é restrita aos estados de Alagoas, Ceará, Paraíba e Pernambuco, onde ocorre em altitudes até 1.000m. É encontrada vegetando como epífita em grandes árvores e, como litófita, em penhascos, sempre em altitudes, em locais de alta umidade e orvalho, muitas vezes expostas a pleno sol.

De acordo com Lou Menezes (2002), é encontrada em 3 zonas de vegetação distintas e características:

Zona da Mata - Brejos de altitude;

Zona do agreste – floresta tropical decídua, mais afastada do litoral;

Zona do sertão – a vegetação é de caatinga, típica região bem seca, bem distante do litoral, onde as plantas são menores com flores menores.

As plantas encontradas no Ceará, na Serra Uruburetama, possuem um colorido mais escuro, mais intenso, de flores menores e de melhor armação. As plantas do estado de Alagoas, que ocorrem na zona da mata, são maiores.

Cada haste floral pode carregar até 5 flores que podem atingir 17 cm de diâmetro e, em geral, tem mais de uma haste abrindo ao mesmo tempo. No nordeste, floresce com regularidade embora possuía meses de maior abundância. No sudeste, floresce no outono. Possui uma vasta gama de forma de cores.

Possui registro de híbridos naturais inclusive com o gênero *Schomburgkia* (hoje tratado como *Laelia*).

É uma planta extremamente adaptável a qualquer clima, em locais de muita luminosidade ou um pouco mais sombreados. Precisa de rega abundante durante o período de crescimento, sempre com o cuidado de esperar o substrato secar para que os novos brotos não apodreçam. Durante o período mais frio, reduzir a rega. Suas flores se abrem com a espata já seca portando é preciso muito cuidado para não provocar o seu apodrecimento por uma rega inadequada.

Cattleya silvana Pabst

Ocorre no estado da Bahia e muitos estudiosos consideram que seja um híbrido entre *Cattleya warneri* e *Laelia grandis*.

Cattleya tenuis Campacci & Vedov.

É uma planta de grande porte (chegando a atingir 1m de altura) que ocorre no estado da Bahia, na Chapada Diamantina, entre 800 a 1.000m, em árvores de pequeno porte, recebendo muita luminosidade e boa ventilação. Embora a Chapada Diamantina seja área muito rochosa, com vegetação de cerrado, existem pontos de muita umidade ambiental em função dos ventos vindos do oceano, apesar da grande distância. Diz-se que seu habitat, no Morro do Chapéu, já chegou a ficar até 7 anos sem chuvas. Possui



Fig. 11 – *C. tenuis*.

o labelo trilobado encobrendo parcialmente a coluna e apresenta muita variedade em seu colorido.

As demais espécies que ocorrem no estado Bahia e que são em comuns com as outras regiões serão tratadas posteriormente.

Região Centro-Oeste: Bioma Cerrado

A região Centro-Oeste está situada no planalto central do Brasil onde é possível encontrar *C. bicolor*, *C. nobilior*, *C. violacea* e *C. walkeriana*.

Ela é coberta, em sua maior parte, pelo bioma Cerrado que abrange quase 25% do território brasileiro. Ele cobre grande parte dos estados Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais e atinge também parte de diversos outros estados das



Fig. 12 – *C. nobilior* var. 'amaliae'.

regiões norte, nordeste, sudeste e sul (Paraná, Maranhão, Piauí, São Paulo e Tocantins) onde predominam outros biomas como Amazônia, Mata Atlântica e Pantanal.

O Bioma Cerrado não é homogêneo, mas a maior parte de sua vegetação é composta de formações arbustivas e herbáceas e suas árvores são de porte médio (geralmente entre 3 e 6 m, no máximo 10 m de altura) e retorcidas.

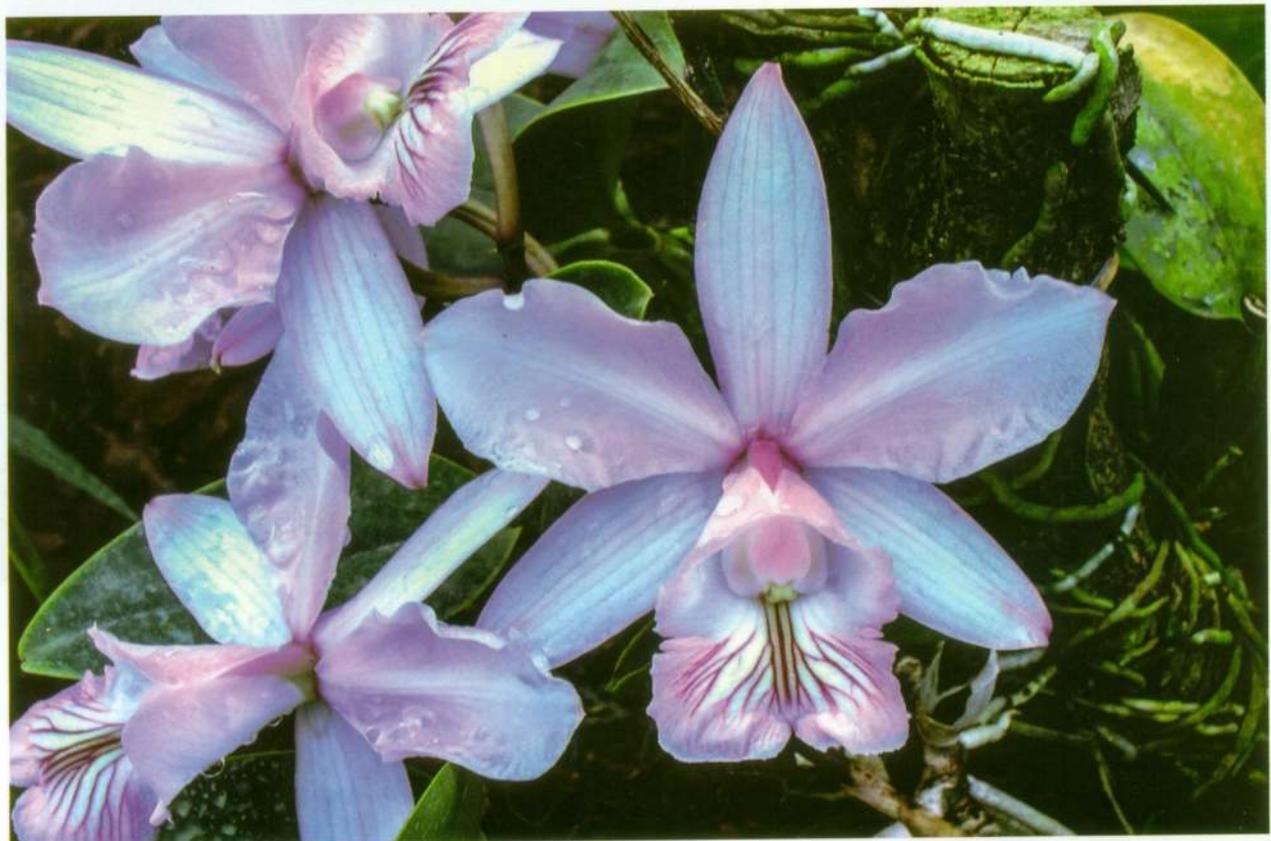


Fig. 13 – *C. nobilior* 'King of Kings'.

Possuem uma casca espessa, rugosa (que as protege contra as frequentes queimadas) e folhas coriáceas.

As orquídeas epífitas preferem as estreitas matas ciliares que acompanham os rios por centenas de quilômetros e que funcionam como vias de migração.

Situado no interior do continente, não recebe influência dos ventos marítimos, mas, em seu interior nascem diversos rios. Possui chapadas que são elevações bem mais altas, isoladas nas florestas, planas como uma mesa. Climaticamente, o bioma



Fig. 14 – detalhe do labelo de *C. nobilior* 'King of Kings', característico da espécie.



Fig. 15 – *C. walkeriana*

Cerrado é caracterizado por dias quentes e secos e noites muito frescas, com ampla alternância de temperatura. A oscilação entre o dia e a noite e entre o verão e o inverno é muito acentuada, há locais onde há uma queda diária num período de 12 horas, de 35° C para 0° C. A média anual pode ser de 26° C no extremo norte, ou 22 no extremo sul. Nas chapadas varia de 20 a 22° C. Na primavera/verão, durante o dia, são comuns as temperaturas altas e em áreas planas ou mesmo regiões as mais elevadas, já foram registradas máximas superiores a 40/42° C. Não há, portanto, uma homogeneidade de temperatura.



Fig. 16 – *C. amethystoglossa*, que ocorre na Bahia e no Espírito Santo, será tratada na parte 2 do artigo

A pluviosidade é mais homogênea, possui apenas duas estações bem definidas uma chuvosa e uma extremamente seca que pode durar até sete meses e as chuvas se precipitam de novembro a março. Neste período de seca, o sereno da noite é a fonte de umidade.

Cattleya nobilior Rchb.f.

Espécie bifoliada, ocorre no Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará e Tocantins (var. *amaliae*).

É uma planta perfeitamente adaptada aos rigores climáticos do Cerrado. Suporta seca prolongada, absorvendo lentamente suas reservas e chega a ter suas folhas e pseudobulbos enrugados, diminuindo de volume e voltando a se reidratar quando começam as chuvas. Surge em matas de Cerrado e em regiões rochosas de clima semiárido.

Suas flores nascem individualmente ou em número de duas, da base do pseudobulbo e medem de 10 a 12 cm, entre julho a agosto.

A variedade *amaliae* produz mais flores, com pétalas mais largas e mais planas. Seu labelo é mais largo e colorido.

C. x mesquiae L. C. Menezes foi descrita como um híbrido natural resultado do cruzamento com *C. walkeriana* var. *princeps*. Posteriormente, a própria autora modificou este status considerando como uma subespécie e denominando-a *Cattleya nobilior* subsp. *mesquiae* L. C. Menezes (2011).



Fig. 17 – *C. schilleriana*, que ocorre na Bahía e no Espírito Santo, será tratada na parte 2 do artigo.

Cattleya walkeriana Gardner

Espécie unifoliada (eventualmente 2 folhas) muito próxima da *C. nobilior*, ocorre principalmente no Bioma Cerrado. Cresce como epífita sobre árvores de matas secas e em árvores das matas ciliares de pequenos rios e também como rupícola em afloramentos rochosos, a pleno sol, circundada por vegetação de cerrado. Surge em elevações entre 30m e 2.000m de altitude, no Distrito Federal, em Goiás, Minas Gerais e São Paulo. A literatura cita também ocorrência para Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraná e até mesmo Rio de Janeiro, mas seu centro de distribuição é Minas Gerais. Nas chapadas, ocorre como epífita em árvores de maior porte, em altitude de 1000 a 2000m.

Suas flores, de 8 a 10 cm de diâmetro, são de longa duração e surgem em haste curta. Seus botões aparecem sem espata lançados de um falso pseudobulbo principalmente de abril a junho, mas seu período de floração é muito variável. É muito usada em hibridação em função da facilidade de cultivo, da substância, textura e longevidade de suas flores, em contrapartida tende a produzir plantas com número reduzido de flores. Seu perfume e seu porte vegetativo reduzido são transmitidos a sua progênie.

Existe registro de híbridos naturais interespecíficos e também intergenéricos como *Schombocattleya x felix* L.C. Menezes [*Schomburgkia crispera* Lindl., hoje considerada como *Laelia marginata* Lindl. (L.O. Williams) ou, mais provavelmente *Laelia gloriosa* Rchb. f. (L.O. Williams)]. Seu híbrido natural mais conhecido é a *C. x dolosa* Rchb. f. (x *C. loddigesii* Lindl.) com o que, por sua vez, recruzou dando origem a *C. x o'brieniana* Rolfe.

É uma espécie bastante adaptável e pode ser também cultivada em clima quente, mas vegeta melhor em clima mais ameno ou mais frio. De crescimento desordenado, desenvolve-se bem em tocos de madeira de casca rugosa ou placa de casca de árvore

(sobretudo peroba, corticeira, canela) por precisar de um sistema de drenagem bastante eficiente. Gosta de bastante luminosidade, é ávida de luz. Quando em período de crescimento, deve ser bem regada, mas durante o inverno, a rega deve diminuir bastante, pois ela resente qualquer excesso de umidade neste período.

Ataques por cochonilha são um grave problema.

As outras duas espécies do bioma Cerrado, *Cattleya violacea*, já foi incluída na Região Norte e *C. bicolor* será na segunda parte deste artigo, quando iremos falar das espécies de *Cattleya* que ocorrem nas regiões Sudeste e Sul.

Literatura consultada:

- Braem, G.J. 1984. *Cattleya: The Brazilian Bifoliate Cattleyas*. Alemanha, Brücke-Verlag – Kurt Schmersow. 96 pp.
- Braem, G.J. 1986. *The Unifoliate Cattleyas: Band II*. Alemanha, Brücke-Verlag – Kurt Schmersow. 96 pp.
- Braga, P.I.S. 1977. Aspectos Biológicos das Orchidaceae e uma Campinha da Amazônia Central. *Acta Amazonica*, Ano VII, vol. VII (2). 89 pp.
- Brazilian Orchids - consultado em 12.06.2016
<http://www.delfinadearaujo.com/on/on28/paginas/wlad2.htm>
- Brito, A.L.V.T. & Crib, P. 2005. *Orquídeas da Chapada Diamantina*. Editora Nova Fronteira. Brasil.:92-98.
- Campacci, M.A. et al. 2007. *Coletânea de Espécies Brasileiras*. Vol. 5. São Paulo, CAOB. :138-145.
- Castro Neto, V.P. & Campacci, M.A. (eds.). 2000. *Icones Orchidacearum Brasiliensis; I*. São Paulo, edição de V.P. Castro Neto. 200 pp.
- Castro Neto, V.P. (ed.). 2006. *Icones Orchidacearum Brasiliensis, II*. São Paulo, edição do autor edição de V.P. Castro Neto. 200 pp.
- Castro Neto, V.P. (ed.). 2012. *Icones Orchidacearum Brasiliensis, III*. São Paulo, edição do autor V.P. Castro Neto. 200 pp.
- Chadwick A.A. & Chadwick, A.E. 2006. *The Classic Cattleyas*. Timber Press, EUA. 251 pp.
- Flora do Brasil – Reflora Consultado em 12 de junho de 2016
<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do>
- Fontes, J.P.S. 1989. *Cattleya labiata Lindley: a rainha do Nordeste Brasileiro*. Rio de Janeiro, Edição Europa. 153 pp.
- Fowlie, J. A. 1977. *The Brazilian Bifoliate Cattleyas and their Color Variety*. EUA, Pomona. 132 pp.
- Lacerda, K.G. 1995. *Brazilian Orchids*. Sodo Publishing, Japão. :10-39.
- Luz, J. & Franco, J. 2012. *Orquídeas de Roraima*. Brasil, Embrapa.184 pp.
- Menezes, L.C. 2002. *Cattleya labiata autumnalis*. IBAMA, Brasil. 252 pp.
- Menezes, L.C. 2014. *Orquídeas do Planalto Central Brasileiro*. IBAMA, Brasil. 536 pp.
- Miranda, F. 1996. *Orquídeas da Amazônia Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura.192 pp.

- Ostetto, S. 2015. Orquídeas do Mato Grosso do Sul. Brasil. (edição do autor). 142 pp.
- Pabst, G.F. & Dungs F. 1977. Orchidaceae Brasilienses. Vol. I. Alemanha, Brücke-Verla – Kurt Schmiersow. 408 pp.
- Ruschi, A. 1986. Orquídeas do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro, Editora Expressã e Cultura. 278 pp.
- Segundo Encontro Nacional de Orquidófilos e Orquidólogos, Pernambuco, Brasil. 1990. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura. 164 pp.
- Silva, M.F.F. & Silva, J.B.F. 2010. Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira II. (2ª. Ed. Belém, Museu Paranaense Emílio Goeldi. 527 pp.
- Viana Jr, S. & Viana, P.L. 2001. *Cattleya walkeriana* Gardner: aspectos botânicos e estudo cromático. Associação de Cattleya walkeriana. 62 pp.
- Withner, C. L. 1995. The *Cattleya* and Their Relatives, Volume I: Cattleyas. EUA, Timber Press. 147 pp.
- Withner, C.L. 1990. The *Cattleya* and Their Relatives, Volume II: The Laelias. EUA Timber Press. 154 pp.
- Coleção Boletim Caob- Número 1 a 94. Edição CAOB – Coordenaria das Associação Orquidófilas do Brasil.
- Coleção Revista OrquidaRio, volumes 1 a 29. Edição OrquidaRio – Orquidófilo Associados.



Bvorchids
Bela Vista

Especializado em espécies naturais reproduzidos em laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço
mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - S/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203
Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635
e-mail: belavista@bvorchids.com.br



Orquidário da Serra

Plantas naturais e híbridas

www.orquidariodaserra.com.br
salvador@orquidariodaserra.com.br

Loja física em Piracicaba - SP
Rua Alfredo Guedes, 300 - Alemães
Tel.: (19) 3433-3250

